

## Conselhos para um jovem artista negro

*Advices to a young black artist*

Howardena Pindell

Tradução de  
Talita Trizoli

 0000-0001-6508-2076  
ttrizoli@gmail.com

### Resumo

Nesse ensaio confessional, a artista afro-americana Howardena Pindell rememora alguns episódios de racismo em sua trajetória profissional como artista e curadora, além de oferecer alguns conselhos profissionais para jovens artistas negros, a fim de escapar de relações abusivas de trabalho, golpes e demais problemas existentes no sistema das artes.

### Palavras-chave

Ensaio de artista. Sistema das artes. Conselhos.

### Abstract

*In this confessional essay, the African-American artist Howardena Pindell recalls some episodes of racism in her professional trajectory as an artist and curator, as well as offering some professional advice to young black artists, in order to escape from abusive work relationships, scams and other problems existing in the arts system.*

### Keywords

*Artist essay. Art system. Advice.*

Eu sou meio que uma dinossaura. Lembro-me do Movimento dos Direitos Civis e de quando a segregação e as Leis de Jim Crow estavam em pleno vigor no Sul. Infelizmente, o Norte não era muito melhor. Eu era a única afro-americana em minha turma de bacharelado em Belas Artes na Universidade de Boston, e até isso deixava algumas pessoas desconfortáveis. O pai de uma aluna chegou a oferecer dinheiro à escola para se livrar de mim, pois não queria que sua filha assistisse a aulas com uma pessoa negra. Anos depois, se um galerista<sup>1</sup> branco trouxesse um artista negro para sua galeria, outros galeristas o alertariam de que ele estaria afugentando sua clientela branca. Ao longo de décadas, aprendi a me proteger e manter-me atenta às tentativas de roubo de minha dignidade ou de minha identidade como artista.

As patifarias do mundo da arte assumem formas muito diferentes. Tive galeristas que roubaram meu dinheiro. Tive galeristas se recusando a devolver meu trabalho. Tive galeristas que pediram representação exclusiva enquanto se recusavam a me listar como um de seus artistas. (Isso era especialmente comum na década de 1970, quando os trabalhos de artistas de cor ficavam literalmente guardados no armário, fora das listas de vendas e, portanto, fora de vista).

Quando eu era funcionária do MoMA, nos anos 1960 e 1970, um *marchand* nova-yorkino doou para o museu um trabalho complicado em papel – recebendo em troca uma amortização de impostos. O artista autor da obra escreveu para o museu e tirou o trabalho da parede. A obra era sua propriedade e ele nunca foi pago por ela. Quanto ao museu, eles retiraram a obra do acervo e provavelmente a devolveram ao artista.

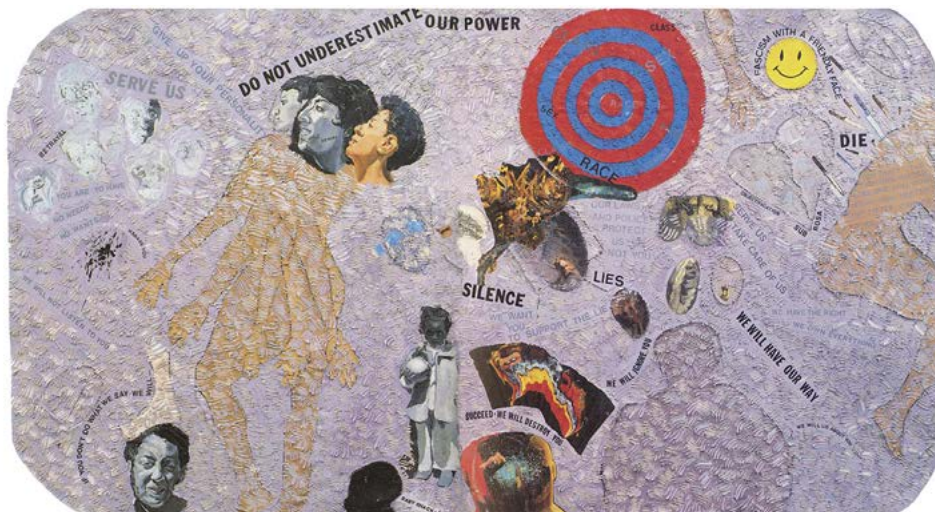
Anos atrás, quando comecei a falar sobre racismo no mundo da arte, fui retirada de uma exposição e comecei a receber telefonemas hostis. Meus trabalhos mais políticos foram ridicularizados como “estridentes”. Meus trabalhos abstratos, principalmente aqueles que incluíam *glitter*, foram banalizados. Um crítico branco do *New Art Examine* disse que queria fazer sexo sob minhas pinturas.

---

<sup>1</sup> No original em inglês, Howardena Pindell utiliza a palavra *dealer* diversas vezes ao longo do texto. No contexto das artes visuais, esse termo diz respeito tanto aos galeristas quanto aos vendedores da galeria, podendo também se remeter a vendedores e negociadores de arte independentes, sem vínculos institucionais. Como falta em português um termo específico que abarque tal figura do sistema das artes, serão utilizados aqui diversas palavras que descrevem a função dos sujeitos de acordo com o contexto descrito.

Figura 1

Howardena Pindell.  
Autobiography: Scapegoat,  
1990.  
Tinta acrílica, têmpera,  
bastão de óleo e fototransfe-  
rência de polímero em tela  
76 1/2 × 139 1/2  
polegadas. The Studio  
Museum in Harlem; Obra  
adquirida em 1994.1



Os museus também não se interessavam por questões de racismo, homofobia ou sexismo, e eram particularmente indiferentes ao trabalho abstrato de mulheres e artistas não brancos. Infelizmente, quando as mulheres brancas chegaram a posições de poder, a maioria foi tão ruim quanto seus predecessores homens. O movimento feminista branco fez questão de negligenciar as questões raciais. Eu continuo prometendo a mim mesma que irei escrever tudo isso em um livro de memórias, antes que elas saiam do controle.

Em muitos aspectos, porém, as coisas estão melhores do que no passado. Finalmente encontrei um galerista em quem posso confiar e que realmente me paga! Sua equipe também é muito profissional e compreensiva. O mundo da arte, em geral, se tornou mais receptivo. Ann Temkin, a nova curadora-chefe do MoMA, ampliou com sucesso a coleção, colocando as obras do escultor afro-americano Mel Edwards na mesma sala que as de Jackie Winsor. (Quando recomendei Edwards enquanto servia em um comitê da NEA<sup>2</sup> nas Ilhas Virgens, décadas atrás, o presidente do comitê apenas disse: “Não aceitaremos nada disso!”) A Galeria Jack Shainman agora representa mais de 13 artistas afro-americanos. A minha, Garth Greenan Gallery, agora representa oito artistas nativos americanos. Isso era inédito nos anos 1960 e provavelmente até nos anos 1990.

<sup>2</sup> National Endowment for the Arts, o Fundo Nacional para as Artes. Trata-se da principal forma de financiamento público do governo norte-americano no campo das artes, coordenada por uma agência independente do governo federal.

Talvez o mais importante seja o fato de que a sua geração tem agora ferramentas para se apoiar mutuamente. Você e seus colegas artistas podem avisar uns aos outros nas redes sociais sobre galeristas, instituições e práticas abusivas de maneiras muito mais poderosas e de longo alcance do que com os telefonemas, o correio tradicional e o boca a boca.

Com tudo isso em mente, aqui estão alguns conselhos simples de uma artista para outro:

- Sempre que emprestar seu trabalho a um galerista ou consultor de arte, proteja-se com acordos de consignação. Ele deve ser assinado e datado por vocês dois. Combine quanto tempo eles podem ficar com o trabalho. E certifique-se de que eles têm seguro.
- Desconfie de *marchands* e vendedores particulares, independentes. Frequentemente, eles pedem o trabalho emprestado sem o devolver. Se você não tem um acordo formal com alguém, não deixe que essa pessoa medeie a compra de sua obra por outra pessoa. A menos que você tenha um contrato formal, deixe que os compradores interessados sejam levados até seu trabalho, e não o contrário.
- Tenha imagens de seu trabalho em alta qualidade. Lembre-se de que a mídia digital não é um arquivo. Mantenha um *backup* físico.
- Documente a localização do seu trabalho. Antigamente, eu usava fichas grandes de catalogação e anotava o título, data, material, tamanho e, se vendido, para quem. Anote as informações de contato do comprador. Liste também todas as exposições em que a obra esteve, bem como anote se ela foi vendida no contexto de uma determinada exposição.
- Use materiais de conservação e arquivamento. Não pendure as peças sob o sol direto, pois isso pode desbotar alguns materiais. Enquanto trabalhava em um museu durante alguns anos, vi algumas obras se deteriorarem em tempo real.
- Mantenha contato com *marchands*, galeristas e pessoas que possuam suas obras, principalmente se eles não tiverem uma galeria.
- Mantenha seu currículo atualizado. Isso é útil não apenas na comunicação com vendedores, galerias, coleções, imprensa e museus, mas é um registro importante que pode protegê-lo contra pessoas que assumam o crédito por suas ideias.
- Se você vende seu trabalho, certifique-se de que a venda seja documentada com detalhes da obra de arte, preço, data e informações de contato do colecionador. Guarde cópias dessas faturas para seus registros fiscais.

Vários artistas afro-americanos e eu fomos abordados por um *marchand* particular que levou nossos trabalhos. Ele nos mandava periodicamente pequenas quantias de dinheiro até que um dia sumiu com todos os nossos trabalhos. E nunca mais foi visto. Outro *marchand* branco, que sempre foi ruim em nos pagar por nossos trabalhos, mas que era, entretanto, muito bacana, se matou do nada, apenas duas semanas antes de minha exposição. Ele havia comprado recentemente um Maserati e presumivelmente estava sobrecarregado de dívidas. A esposa dele devolveu nossos trabalhos e tentou nos pagar, o que foi um belo gesto para uma mulher em posição tão difícil. Ela poderia ter facilmente decidido usar nosso trabalho para saldar suas dívidas.

Finalmente, seja cauteloso com quem você deixa entrar em seu estúdio. Eles podem estar farejando em busca de ideias, sabendo que terão mais facilidade para se apropriar do trabalho. O comediante Jerry Lewis frequentava os *shows* de comediantes afro-americanos e roubava seu material. Os historiadores brancos da arte fizeram coisas semelhantes aos historiadores negros da arte. Uma artista branca que eu conhecia – que estava se relacionando com um famoso artista branco na época e, portanto, tinha mais facilidade em conseguir exposições – fez isso com outra artista branca depois de visitar seu estúdio. Isso quebrou o coração da artista e ela se mudou de Nova York. E foi particularmente doloroso porque ambas estavam envolvidas no movimento feminista.

Embora o mundo da arte tenha evoluído muito, sei que vocês ainda enfrentarão muitos desafios. Não destaco esses problemas para os desencorajar, mas para os preparar. Se eu consegui fazer tudo isso pensando em todas essas barreiras, vocês também podem. Os “golpes” do mundo da arte continuarão a evoluir, mas sua geração de artistas pode usar as redes sociais para avisar uns aos outros e trabalhar em conjunto. E, o mais importante, nunca desista!

**Publicado originalmente em:** PINDELL, Howardena. *Advices to a young black artist*. *Art Journal*, v. 80, n. 3, Fall 2021, p. 28-31.

### Howardena Pindell

*Nascida na Filadélfia em 1943, Howardena Pindell estudou pintura na Boston University e na Yale University. Formada, aceitou um emprego no Museu de Arte Moderna, onde trabalhou durante 12 anos, terminando seu contrato como curadora associada e diretora interina do Departamento de Gravura e Livros Ilustrados. Em 1979 ela começou a lecionar na Universidade Estadual de Nova York, Stony Brook, onde agora é Professora Emérita. Ao longo de sua carreira, Pindell expôs extensivamente. Mais recentemente, seu trabalho apareceu em *We Wanted a Revolution: Black Radical Women, 1965-1985* (Brooklyn Museum, 2017). Sua retrospectiva de 2018 no Museum of Contemporary Art de Chicago, intitulada *Howardena Pindell: What Remains to Be Seen*, viajou para o Virginia Museum of Fine Arts (2018) e o Rose Art Museum (2019). O trabalho de Pindell está nas coleções permanentes dos principais museus internacionais, incluindo o Metropolitan Museum of Art, o Museum of Modern Art, o Whitney Museum of American Art, a National Gallery of Art e o Louisiana Museum of Modern Art, Copenhagen, entre muitos outros.*

#### Como citar:

PINDELL, Howardena. Conselhos para um jovem artista negro. Tradução: Talita Trizoli *Arte & Ensaios*, Rio de Janeiro, PPGAV-UFRJ, v. 27, n. 42, p. 336-341, jul.-dez. 2021. ISSN-2448-3338. DOI: <https://doi.org/10.37235/ae.n42.22>. Disponível em: <http://revistas.ufrj.br/index.php/ae>.